

# Entre o mágico e o trágico: uma leitura de “Na berma de nenhuma estrada”, de Mia Couto

**Josse Fares**

Professora da Universidade da Amazônia – Unama/Fidesa, Belém-PA.  
Doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa da PUC-MG.  
e-mail: jossefares@yahoo.com.br

**Resumo** Este ensaio visa a leitura de “Na berma de nenhuma estrada”, do escritor moçambicano Mia Couto. O referido conto é narrativa ao mesmo tempo dialógica e polifônica – bem a propósito da teoria de Mikhail Bakhtin –, que habita os liames que se interpõem entre o trágico e o mágico, presentes na realidade africana. A narrativa vislumbra os conceitos lacanianos de simbólico (representado por tio Josseldo) e imaginário (personificado por Menina) e se realiza através de uma linguagem poética que faz valer a máxima da palavra-verbo como “sopro da alma”, que não raro tem o poder de curar, bem ao gosto de Walter Benjamin.

*Sou pobre resto de esperança  
À beira de uma estrada  
Preciso acabar logo com isso  
Preciso lembrar que eu existo  
Que eu existo Que eu existo.*

Roberto e Erasmo Carlos

O intelecto, diz Nietzsche, “como meio para conservação do indivíduo, desdobra suas forças mestras no disfarce, pois este é o meio pelo qual os indivíduos mais fracos, menos robustos, se conservam” (NIETZSCHE: 1995, p. 56).

Com estas palavras do filósofo alemão, penetro no universo de “Na berma de nenhuma estrada”, do escritor moçambicano Mia Couto. A vila de Passo-Longe é o espaço da ficção. Nela, encontro Menina, a narradora, e Josseldo, seu tio, proprietário da Boutique Pinta-Bocas, uma espécie de armarinho, onde se encontra o único espelho da vila.

A narradora, homodiegética, carrega em si vários sujeitos. A narrativa é, portanto, dialógica, abre-se para o discurso de outrem. É polifônica, no dizer de Mikhail Bakhtin. A voz dramática de Menina, dramática no sentido teatral do termo, manifesta-se, sobretudo, através da fantasia, da máscara, o que é indiciado pelo próprio léxico do conto: “ilusão dos caminhos”, “sempre inventa”, “vem o sonho”, “fazia de conta”, “tudo de mentira”, “já via-

jei”, “rumei para os desmundos”, “tudo em delírio”. A voz de tio Josseldo, ao contrário, está mais centrada na realidade e, não raro, tenta tirar a sobrinha do mundo de ilusões que ela própria criou para si. Em outras palavras, poderia dizer que Menina circunavega nas instâncias do imaginário e tio Josseldo nas do simbólico. Simbólico e imaginário na acepção lacaniana dos vocábulos.

A palavra Menina, que nomeia a personagem-narradora, é substantivo comum, genérico. Este não-nome lhe fora dado pelo pai. A mãe reclamava:

“– Mas como lhe hei de chamar?

– Há de se ver, mulher. Há de se ver (...) Lhe vá chamando só assim: Menina” (p. 119).

Como se pode perceber, a narradora é uma sem-nome, uma desidentificada. Dessa forma, ela anda em busca de si mesma, não tem identidade. Se não a tem, tenta buscá-la no reino da fantasia. No trânsito entre a fantasia e a realidade, Menina padece, “envelhecida de esperar, mais baça que o espelho da loja” (p. 117). Por quem Menina espera? No sopé da estrada, ela espera por alguém que lhe leve, um qualquer, tanto faz. Seu sonho é sair do povoado, alcançar o longe. Mas antes de se pôr à berma da estrada, ou antes de entrar na cena da fantasia, ela põe-se diante do espelho, pinta os lábios, veste um vestido de chama olho. Mascara-se. “Me ajeito de belezas emprestadas, pinto-me com sobras de maquilhagens que apanho na loja de tio Josseldo” (p. 117). Todo esse *mise-en-scène* para realizar um sonho. No entanto, diz Menina: “Até cansei este sonho” (idem). Neste dizer, instala-se uma ambigüidade: Menina cansou do sonho ou o sonho cansou dela? A ausência da preposição “de” diante do demonstrativo “este” leva-me a pensar que a segunda possibilidade é a mais viável, pois a própria narradora afirma: “eu quero sair daqui sem ter de mudar de lugar” (p. 119). De pés fincados na vila de Passo-Longe, ela movimenta-se por outros espaços, através das construções imaginárias que elabora.

A narradora é tão sem identidade, que ao mirar-se no espelho da Boutique Pinta-Bocas, não vê refletida sua imagem. Menina é como Macabéa, personagem de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Diante do espelho, as duas vêem o nada. Elas são o nada. Macabéa, órfã de pai e mãe, viveu com sua tia Beata, que só lhe deu maltratos e incompreensões. Por isso, ela, Macabéa, migrou para a cidade grande, o Rio de Janeiro, onde viveu ignorada, absolutamente *gauche*, ingerindo aspirinas para livrar-se das dores da alma. Menina, por sua vez, viu o pai escoar-se na estrada que o levou a Joanes, na África do Sul, de onde ele nunca voltou. Por isso, a mãe perdeu o prumo do juízo e passou a viver do faz-de-conta engendrado pelos vizinhos no intuito de consolá-la. Nestas circunstâncias, Menina foi acolhida pelo tio que lhe deu teto e até mesmo carinho, mas não pôde dar-lhe uma identidade, esta que a personagem vai construindo em paralelo com o texto que narra. Não nos esqueçamos que a palavra é dotada de indizíveis poderes. Jeanne-Marie Gagnebin, acerca do narrador benjaminiano, escreveu um artigo intitulado “Narrar e curar” (1985), em que discute o poder curativo da palavra que se faz narração. Neste sentido, o narrar de Menina

seria uma forma de ela, no mundo da ficcionalidade, encontrar-se. Segundo Nietzsche, “verdades são ilusões das quais se esqueceu que o são” (NIETZSCHE: 1995, p.55). No próprio título do conto – “Na berma de nenhuma estrada” – percebe-se, através do pronome indefinido, que não há estrada, mas ela passa a ser construída pelos poderes da ficção.

Para Stuart Hall, “a identidade é algo formado ao longo do tempo (...) e não é algo inato (...) Ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo” (HALL: 2000, p. 34). A considerar esta afirmativa, vê-se que o ser humano é marcado por uma falta de inteireza a ser preenchida, no caso da narradora, pelo processo de criação, pela fantasia, pela narrativa enfim. Paul Ricoeur chega mesmo a afirmar: “a identidade não poderia ter outra forma do que a narrativa, pois, definir-se é, em última análise, narrar (RICOEUR apud BERND: 1992, p. 17). Ainda assim, a identidade não é plena. Os desvãos da palavra, no conto, flagram esta falta de inteireza da personagem. Não só a palavra dá conta dessa falta. O corpo de Menina, durante o sono, também “fala”: “... durmo bem enroscada” (p. 118). Dormindo, a personagem põe-se na posição fetal, que é como costumamos ficar nos momentos de fragilidade, de profundas carências, quando então desejamos empreender uma viagem, não para os caminhos que sujam o sonho, mas para o aconchego do útero materno, o paraíso perdido e jamais recuperado por nós.

Enroscada, a personagem é um quarto minguate, lua privada de claridade. A penumbra envolve a vida, a identidade da narradora e deixa-a frente a frente ao grande enigma que atordoa o homem: Quem sou eu? Tal qual Édipo, Menina quer saber-se. Ela, como já foi dito, constrói-se junto com o texto. Ela e o texto são, portanto, construções de linguagem. E ao construir-se na tessitura do narrado, a personagem prende-se à pulsão de vida. Prende-se nos fios da palavra para sobreviver.

Num diálogo com tio Josseldo, Menina ouve: “- Você vai ficar na soleira da estrada” (p. 118). Aqui, a voz do tio é uma antevisão do porvir, é profética, pois, em tese, o que viveu mais, tem mais experiência. Ao alertar a sobrinha, talvez esteja querendo legar-lhe a experiência adquirida no vivido. Mas será que alguém aprende com a experiência do outro? Parece que não. Se assim fosse, a história da humanidade não estaria tão cheia de desconcertos. Quando tio Josseldo diz que Menina ficará na soleira (da estrada) revela que o lugar dela é o entre-lugar, o limiar entre o ser e o não-ser. É o drama de Hamlet, é o drama do homem, de quem, no conto de Mia Couto, a narradora é metonímia.

Numa existência de entre-lugares, a personagem convive com os fragmentos esgarçados da memória e as oscilações entre o querer ir e o querer ficar. Ora diz que quer ir sem mudar de chão, ou seja, quer ficar. Porém, quando o tio diz: “Você (...) sempre inventa razão para ficar. Confessa lá, sobrinha” (p. 118), ela responde-lhe: “- Não é verdade, tio. Eu só quero sair daqui” (idem). E agora, José?, diria Drummond diante das incertezas da personagem. Sobre José, diz o poeta: “você que é sem nome” (p. 30). Deduz-se, a partir deste verso, que José é um nome genérico, como Menina. José é o Zé, o zé-ninguém. Então, as duas personagens, a de Drummond e de Mia Couto, são metonímias dos desidentificados,

dos ignorados pela sociedade. Mais uma vez volto a Nietzsche, para quem o disfarce é o meio pelo qual os indivíduos mais fracos se conservam. A narradora do conto sustenta-se no disfarce, nas fantasias com que tenta engendrar um futuro para si, pois nas instâncias da realidade, “o bonde não veio/ o riso não veio/ não veio a utopia” (ANDRADE: 2002, p. 30). Se a chuva ao cair no chão muda de nome, conforme se lê na narrativa, Menina, já mulher, continua Menina.

A personagem-narradora guarda de seus pais apenas “a lembrança de uma tarde que se repete como se fosse o tempo inteiro” (p. 190). As outras ficaram no esquecimento. Há lembranças que vêm e ocultam outras, certamente mais importantes. Estamos, portanto, diante daquilo que Freud chamou de lembranças encobridoras. Por que encobrir lembranças? No viés do psicanalista austríaco, a lembrança encobridora oculta um desejo que, no conto, é o desejo da narradora pelo pai. Diariamente, Menina põe-se à berma da estrada para ser levada, mas quando a partida torna-se possível, ela retrocede, conforme verificamos no diálogo entre ela e um motorista que lhe oferece carona:

- “ – A senhorita segue na estrada?
- Não, vou para outra, a seguinte.
- É que depois não há mais cidade. Depois não há lugar nenhum.
- É exactamente aí que eu vou” (p. 120).

Como se pôde perceber, a moça não aceita a carona porque seu desejo não era ir, pelo menos com este motorista. Ela esperava, quem sabe, alguém especial, como a Tereziinha de Jesus do cancionista popular brasileiro, que só ao último cavalheiro deu a mão. Um dia, na berma da estrada, pára um carro velho de onde soa uma voz roufenha que pergunta à personagem: “- Ainda não tem nome, você? (...) Então lhe chamo de menina que é o melhor nome que sei” (idem). Esta era a senha para a narradora reconhecer o pai. E então, pela primeiríssima vez, entra no carro e bate a porta com cuidado, “temendo despertar ruído” (p. 121). A personagem aceitou a carona porque estava diante do que desejara. Rejeitando o oferecimento dos outros, ela posterga o desejo. E quando enfatiza que fechara a porta do carro com cuidado por ter medo de despertar ruído, revela no ato falho da palavra (despertar), que o encontro com o pai realizou-se no espaço onírico. Foi, portanto, fantasiado.

Sem deslocar o olhar do enfoque dado por Freud às lembranças encobridoras, talvez se possa afirmar que a moça encobre lembranças porque a memória é seletiva e, como tal exclui aquilo que, inconscientemente, não quer lembrar. A falta do pai, por exemplo, está alojada no inconsciente, mas se faz presente nos interstícios da palavra.

O pai é um magaiça, e se considerarmos a dupla valência que Houaiss atribui ao vocábulo, diríamos que ele, o pai, é mais um dos que deixam sua terra de origem para “ralar” nas minas sul-africanas. Mas ao mesmo tempo, na segunda acepção da palavra, ele é o que

retorna das minas. No conto, este retorno ocorre apenas no imaginário. Mesmo assim, ele se torna a realização do desejo de Menina.

Em certos aspectos, percebe-se que a personagem repete o pai e a mãe. O primeiro põe o pé na estrada por uma necessidade que ele esperava suprir. A filha, na berma da estrada, também deseja suprir sua necessidade que, no claro da palavra, é sair do povoado e alcançar o longe. No entanto, no difuso da malha textual, constata-se que sua precisão é outra. A mãe, por sua vez, perdeu o prumo do juízo quando o marido partiu e não mais voltou. Como ela, Menina é um tanto tresloucada. Por causa do mesmo homem, mãe e filha ficam “turvadas” e passam a viver de mentiras, de ilusões.

“Minha mãe ficou tão pasmada no regresso dele, que ela nunca mais saiu daqueles aguardos. Os vizinhos até inventaram um fingimento: fazia-se de conta que chegavam lembranças, encomendas que eles mesmos improvisavam (...) Tudo de mentira” (p. 120).

Quanto à narradora, ela mesma confessa: “As vezes que eu já viajei, rumei para os desmundos. Tudo delírio” (idem). É por isso que no povoado chamam-na de louca, e “por pouca sorte não sou” (idem), confessa a personagem. A partir do momento em que nos inserimos nas instâncias do simbólico, passamos a viver como um rio, comprimidos pelas margens. Quem as ultrapassa fica marginalizado. Só o alheamento dos loucos permite-lhes a ultrapassagem do que, no contexto social, são as normas, as leis. Por isso, a narradora lamenta por não ser louca. O lamento indicia que, ao ultrapassarem o *métron*, os loucos podem até não sofrer punições. E indicia também a condição de Menina, que se põe na soleira, no limiar entre realidade e fantasia, dividida entre “os modos de mulher do campo” (idem) e a necessidade premente de ir mais além. O tio, inclusive, pergunta se ela já bebeu “o chá das três noites [que] é bebida que enlouquece” (idem), que propicia o deslocamento para a ilusão. É o próprio tio que lhe pede que volte do mundo das nuvens, onde ela finge, como no poema de Fernando Pessoa, “que é dor que deveras sente”.

A hesitação da narradora entre o velar e o desvelar, de acordo com Sarah Koffman,

“só se dá através de uma cadeia de significantes substitutivos [ pois ] todo texto é lacunar, furado. São estas lacunas que ele recobre com seu tecido, para dissimular. O tecido que mascara e ao mesmo tempo revela (...) É ocultando que ela mostra o que esconde” (KOFFMAN, 1996, p. 69 ).

Se Menina oculta o seu desejo, é porque, embora ele seja inconsciente, ela teme as possíveis conseqüências de sua transgressão. Em “toda sociedade a proibição do incesto como interdição de um determinado contato está na base de toda proibição do discurso” (KOFFMAN: 1996, p. 70). Será que este fato justifica o discurso oscilante da narradora em seu jogo de esconde-esconde? Será que quando ela afirma que vai santificando seus dias, já não está se purgando por seu desejo? Penso que sim, pois o santificar-se, na ótica cristã, implica sacrifícios e renúncias.

Mia Couto vê Moçambique, e por extensão a África, como “uma nação sem memória” (COUTO apud SECCO: 2000, p. 273). Considerando este ponto de vista do escritor, a narradora, “menina” africana, transforma-se numa representação que condensa a terra natal, cujo passado, ambas – terra e personagem – perderam nos labirintos da memória. Vê-se, portanto, que, em “Na berma de nenhuma estrada”, materializa-se o social, não só através da situação vivida pela protagonista do conto, mas também pelo que foi experienciado pelo pai que, empurrado para as minas, deixou a mulher e a filha numa verdadeira indignância material e emocional. Os três sintetizam o drama de inúmeras famílias africanas de colonização portuguesa. O estado de indignância das personagens femininas vai resvalar nos meandros da alma que ele, o escritor, vai revelando nas linhas, entrelinhas e silêncios do discurso narrativo.

A voz de Menina, em primeira pessoa, é a mais “audível” no conto. Através da voz dela, vêm à tona, direta ou indiretamente, os conflitos que lhe abatem. E porque o solo da orquestração textual é entoado pela própria narradora, ela finda acertando em cheio o coração do leitor, que se comove e com ela solidariza-se.

“Relegado para segundo plano o conceito de obra como imitação, o que vale é o acto inventivo” (FERRAZ: 1987, p.66). Através do ato inventivo, Menina, na urdidura de seu tecido, como Sherazade, apoderou-se da fantasia e conseguiu driblar a morte.

### **Bibliografia consultada**

ANDRADE, Carlos Drummond. *Antologia poética*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002.

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.

COUTO, Mia. *Na berma de nenhuma estrada*. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

FERRAZ, Maria de Lourdes. “Interrelação enunciador/texto”, in: *Ironia romântica: estudo de um processo comunicativo*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1987.

FREUD, Sigmund. “Lembranças encobridoras”, in: *Primeiras publicações psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. “Narrar e curar”. São Paulo. *Folhetim/Folha de S. Paulo*, 1985.

KOFMANN, Sarah. *A infância da arte: uma interpretação da estética freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

NIETZSCHE, F. Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral, in: *Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Duas Cidades, 1995, pp. 54-61.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. “Mia Couto e a incurável doença de sonhar”, in: *África e Brasil: Letras em laços*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000.